
MANIFESTAÇÕES DE SUBVERSÃO AO PODER EM *LAVOURA ARCAICA*, DE RADUAN NASSAR, A PARTIR DOS ESTUDOS DE MICHEL FOUCAULT

Ananda Maisa Coelho Souza¹
Andrei Santos de Morais²

Resumo: O objetivo deste artigo é investigar a manifestação de subversão ao poder no romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, em um comparativo com os estudos do filósofo Michel Foucault, em *História da Sexualidade*. Promovendo um diálogo entre a teoria e a literatura, é proposto mostrar a subversão que pode ocorrer no interior dos discursos das personagens, bem como na sexualidade, que se apresenta como mecanismo de subversão ao poder no romance. Ao fim deste, concluímos que a subversão é uma extensão do poder, que, por sua vez, caminha ao lado da sexualidade, mantendo um jogo sutil de recusas e autorizações.

Palavras-chave: Poder; Subversão; Sexualidade; Lavoura Arcaica; Michel Foucault.

Abstract: The purpose of this article is to investigate the manifestation of subversion to power in the novel *Lavoura Arcaica*, by Raduan Nassar, in a comparison with the studies of the philosopher Michel Foucault, in *History of Sexuality*. Promoting a dialogue between theory and literature, it is the purpose to show the subversion that can happen inside the lines of the characters, as well as sexuality, which is presented as a mechanism of subversion to power in the novel. At the end, we conclude that subversion is an extension of power, that in turn, goes hand in hand with sexuality, maintaining a subtle game of refusals and authorizations.

Keywords: Power; Subversion; Sexuality; Lavoura Arcaica; Michel Foucault.

1 Especialista em Literatura Comparada. E-mail: anandacoelho02@gmail.com

2 Professor associado da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Doutor em Literatura. E-mail: andrei.morais@ufopa.edu.br

INTRODUÇÃO

Escrito em 1975 pelo paulista Raduan Nassar, o romance *Lavoura Arcaica* narra a vida de uma família tradicional(ista) calcada nos preceitos religiosos cristãos e que vive sob uma rígida ordem patriarcal. O romance é relatado em primeira pessoa pelo narrador-personagem André, que foge de casa na tentativa de escapar das regras impostas pelo pai, Iohána, e da paixão incestuosa que sente pela irmã, Ana.

A presença autoritária da figura de Iohána, que pode ser percebida ao longo de toda narrativa, seja pelo discurso de poder do patriarca ou, ainda, pelo comportamento das personagens; e o desejo interdito por Ana, que perturba o protagonista, são os propulsores para as manifestações de subversão que serão apontadas no decorrer deste texto.

Devido à densidade interpretativa que há em um romance como *Lavoura Arcaica*, o presente artigo busca dialogar com o texto de Nassar com os estudos de Michel Foucault, sobre o poder e a sexualidade, com base central nas obras *A vontade do saber* e *O uso dos prazeres*, pertencentes à trilogia *História da sexualidade*.

Far-se-á uma leitura do romance a partir da perspectiva de poder lançada por Foucault, em que se questiona sobre o que é o poder e como seus mecanismos agem através do discurso ou mesmo da falta dele. Além de instigar o leitor a perceber como a sexualidade se apresenta como um mecanismo de poder dentro do romance.

Não buscamos a eliminação das possíveis interpretações de *Lavoura Arcaica*, mas explorar um dos muitos caminhos que a literatura permite e, quiçá, mostrar as incertezas inscritas no razoável.

A PALAVRA COMO REPRESENTAÇÃO DO PODER

Considerando que o poder gera a subversão por causa da repressão que nele existe, conclui-se que poder é sinônimo de proibição. Contudo, quando se define o poder como puramente repressivo, afirma-se que a ele só cabe a negação, as leis que dizem não.

Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não, você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. (FOUCAULT, 2015, p. 44-45)

A performance da palavra do poder impõe a todos de seu alcance uma ação inexorável, pois ela não admite desobediência. Ter poder é instigar, produzir sensações, é buscar no silêncio o ruído do não-dito. Para tanto, para se ter poder é preciso possuir a palavra, ser propagador de discursos que nortearão aqueles que ouvem. Em *Lavoura Arcaica*, o titular do poder é Iohána, uma vez que é quem reproduz os discursos e regulamentos que a família toda deve seguir. Para os que o seguem, a sua palavra é incontestável, uma vez que impregna tudo o que toca e está presente em todos os momentos.

[...] você verá então que esses lençóis, até eles, como tudo em nossa casa, até esses panos tão bem lavados, alvos e dobrados, tudo, Pedro, tudo em nossa casa é morbidamente impregnado da palavra do pai; era ele, Pedro, era o pai que dizia sempre é preciso começar pela verdade e terminar do mesmo modo, era ele sempre dizendo coisas assim, eram pesados aqueles sermões de família, mas era assim que ele os começava sempre, era essa a sua palavra angular, era essa a pedra em que tropeçávamos quando crianças, essa a pedra que nos esfolava a cada instante, vinham daí as nossas surras e as nossas marcas no corpo. (NASSAR, 1989, p.41)

No trecho acima, André, o narrador-protagonista, reitera que a palavra do patriarca é carregada por uma verdade dita como absoluta e que todos deveriam compartilhar dela; do contrário, haveria punições-- surras e marcas no corpo. Em meio a esse ambiente o personagem foi se formando, distorcido pelos limites impostos pelo pai e pelas possibilidades que os seus discursos originaram: “(...) era ele [o pai] que dizia provavelmente sem saber o que estava dizendo e sem saber com certeza o uso que um de nós poderia fazer um dia” (*ibidem*, p.41). André insinua que as palavras cheias de poder e verdades, proferidas pelo pai, poderiam ser recebidas por todos e desconstruídas com um novo entendimento, uma nova verdade e, conseqüentemente, um novo poder. Um exemplo dessa distorção é quando o personagem tenta convencer a irmã de que os discursos do pai abençoariam a relação incestuosa dos dois: “(...) foi um milagre descobrimos acima de tudo que nos bastamos dentro dos limites da nossa própria casa, confirmando a palavra do pai de que a felicidade só se pode ser encontrada no seio da família” (*ibidem*, p. 118). Além de garantir a performance da palavra, a subversão do poder se reproduz na ação da sua vítima.

Por conta da versatilidade interpretativa das palavras, é possível estender novos entendimentos. André, dessa maneira, joga contra o pai seus discursos e transforma-os em justificativas para sua subversão, alertando-o sobre o perigoso poder que há em suas palavras: “(...) foi o senhor mesmo que disse há pouco que toda palavra é uma semente: traz vida, energia, pode trazer inclusive uma carga explosiva no seu bojo: corremos graves riscos quando falamos” (*ibidem*, p.165). Essa passagem distorce a parábola bíblica do semeador (Mt 13.1-9; Mc 4.1-9; Lc 8.4-8) para justificar o seu emprego ao estabelecer nexos entre a semente palavra e o fruto a ser produzido por ela. A verdade revelada é o lastro distorcido do poder patriarcal e, por conseqüência, promotora da subversão dos atos de sua vítima. O patriarcalismo, machista por excelência, já se apresenta no próprio gênero da palavra Deus, eternizada como Pai. Theos ou Zeus é aquele que tudo vê em grego antigo (koiné), análogo ao panóptico de Foucault. Com esse poder, nada poderia escapar de sua observação e influência. Por mais que Iohána não presencie a investida de André sobre Ana, o argumento que sustenta seu poder se faz presente ao impor o que é certo ou errado. O Deus masculino tem o seu lado e não é feminino.

A palavra é personificação de poder, ela pode gerá-lo e reforçá-lo, mas também é capaz de questionar suas verdades e expor suas inconsistências.

É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto

de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta (FOUCAULT, 2017a, p.110).

A intenção da escolha das palavras está a serviço do escritor, mas a interpretação estará a cargo de quem as recebe, o leitor, inserido na cultura que faz parte, em seu tempo e espaço. Não há uma dimensão quanto a repercussão da palavra, pois é viva, expressão de nosso espírito. É preciso ter cuidado, as palavras não estão comprometidas com o seu escritor nem a seus leitores e falantes. Em *Lavoura Arcaica*, a palavra passa de pai para filho, gerando a tensão entre o discurso verbalizado e as interpretações a serviço da persuasão. André toma para si o discurso do pai e o reproduz para aliciar a sua irmã. A instabilidade dos discursos de André apresenta-se ao dirigir a palavra à sua irmã Ana e ao seu pai Iohána – seja na capela ou na mesa de jantar. Em ambas situações, expõe argumentos e escolhe palavras conforme seus desejos se manifestam:

“Ana, me escute, é só o que te peço” eu disse forjando alguma calma, eu tinha de provar minha paciência, falar-lhe com a razão, usar sua versatilidade, era preciso ali também aliciar os barros santos, as pedras lúcidas, as partes iluminadas daquela câmara, fazer como tentei na casa velha, aliciar e trazer para o meu lado toda a capela (NASSAR,1989, p.118)

Neste trecho André força um diálogo com Ana, fingindo um discurso suave, pautado na paciência e ordem ensinadas pelo pai. Todavia, essa estratégia não surte efeito e o protagonista reverte sua forma de falar tornando-a mais intimidadora.

e eu, que desde o início vinha armando minha tempestade, caí por um momento numa surda cólera cinzenta: “estou banhado em fel, Ana, mas sei como enfrentar tua rejeição, já carrego no vento do temporal uma raiva perpétua, tenho o fôlego obstinado, tenho requintes de alquimista, sei como alterar o enxofre com a virtude das serpentes, e, na caldeira, sei como dar à fumaça que sobe da borbulha a frieza da cerração nas madrugadas (...)” (NASSAR, 1989, p.136)

Da mesma forma que ocorreu com Ana, André também transforma seu discurso enquanto fala com o pai, na mesa de jantar. Em um primeiro momento, fala de forma mais contundente e incisiva, confrontando a lucidez de suas palavras com os ensinamentos do pai e afirmando seus desejos como claros e seguros diante dele:

— Misturo coisas quando falo, não desconheço esses desvios, são as palavras que me empurram, mas estou lúcido, pai, sei onde me contradigo, piso quem sabe em falso, pode até parecer que exorbito, e se há farelo nisso tudo, posso assegurar, pai, que tem também aí muito grão inteiro. Mesmo confundindo, nunca me perco, distingo pro meu uso os fios do que estou dizendo. (*ibidem*, p.163)

Vendo, contudo, que sua retórica não surtiria o efeito pretendido, André muda a premissa de seus pensamentos e alega submeter-se novamente às palavras paternas, enfatizando a sua futura disciplina nos trabalhos impostos a ele.

— Estou cansado, pai, me perdoe. Reconheço minha confusão, reconheço que não me fiz entender, mas agora serei claro no que vou dizer: não trago o coração cheio de orgulho como o senhor pensa, volto para casa humilde e submisso, não tenho mais ilusões, já sei o que é a solidão, já sei o que é a miséria, sei também agora, pai, que não devia ter me afastado um passo sequer da nossa porta; daqui pra frente, quero ser como meus irmãos, vou me entregar com disciplina às tarefas que me forem atribuídas, chegarei aos campos de lavoura antes que ali chegue a luz do dia, só os deixarei bem depois de o sol se pôr; farei do trabalho a minha religião, farei do cansaço a minha embriaguez, vou contribuir para preservar nossa união, quero merecer de coração sincero, pai, todo o teu amor. (*ibidem*, p.168)

A retratação na fala de André pode ser vista como resultado da desautorização paterna aos seus impulsos: “(...) — Já basta de extravagâncias, não prossiga mais neste caminho, não se aproveitam teus discernimentos, existe anarquia no teu pensamento, ponha um ponto na tua arrogância, seja simples no uso da palavra!” (*ibidem*, p. 164). Iohána detecta a ironia ou astúcia de André ao se fazer de humilde para esconder seu tamanho e inteligência nas imagens hiperbólicas de suas promessas, desqualificando a sua consecução e crédito de confiança. O patriarca impõe a André o limite da palavra. Ao filho só lhe compete o ofício da lavoura, o trabalho com as palavras e suas tessituras são restritos ao patriarca, mesmo que não tenha controle absoluto sobre elas. Encontramos aí as bases da ética protestante ao dignificar o trabalho, bem distante do mal da primeira natureza da ortodoxia católica.

Nesse viés, a palavra tem poder e por isso pode percorrer campos distintos, moldando-se de acordo com a forma de expressão de seu locutor. Não obstante, o silêncio também surge como manifestação de poder. Assim como os discursos, o silêncio produz um poder capaz de interditar e de dar permissão, criando uma zona de possibilidades infindas. “Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos” (FOUCAULT, 2017a, p. 31). Nesse contexto, André apresenta sua irmã Ana como a representante deste poder mudo, onde permanece silenciada, mas sem deixar de demonstrar seus desejos: “(...) ninguém em casa consegue tirar nossa irmã do seu piedoso mutismo.” (NASSAR, 1989, p.37). Embora silenciada, Ana subverte o jogo do poder e coloca seu corpo para falar por ela, como narra André:

Ana ergueu-se num impulso violento, empurrando com a vibração da atmosfera a chama indecisa das velas, fazendo cambaleante o transtorno ruivo da capela: vi o pavor no seu rosto, era um susto compacto cedendo aos poucos, e, logo depois, nos seus olhos, senti profundamente a irmã amorosa temendo por mim, e sofrendo por mim, e chorando por mim (*ibidem*, p. 139)

Os movimentos de Ana ecoam o poder das palavras não-ditas. Sem ter seus discursos mencionados na narrativa, a força da personagem é retratada, por André, através de seus gestos, que a descreve como um reflexo de si próprio: “(...) essa minha irmã que, como eu, mais que qualquer outro em casa, trazia a peste no corpo.” (*ibidem*, p. 28-29). A comparação de André sugere que Ana também tinha o desejo subversivo, bem como o próprio narrador, mas era condenada ao mutismo, afirmando uma inexistência da personagem diante de um poder reservado ao patriarca e a seu herdeiro por direito: o primogênito, Pedro.

De acordo com Bakhtin (1997, p. 363), “a literatura é uma parte inalienável da cultura” e em *Lavoura Arcaica* isso não é diferente. O romance está em diálogo com uma cultura fundamentada no sistema patriarcal, onde a primogenitura tem grande importância, como declara André: “(...) é isso o que te compete, a você, Pedro, a você que abriu primeiro a mãe, a você que foi brindado com a santidade da primogenitura.” (NASSAR, 1989, p. 108). Sendo, portanto, Pedro o herdeiro legítimo do poder da palavra, André não apenas toma o poder do pai, mas também quebra uma hierarquia patriarcal, desordena a cultura da qual fazem parte. O inimigo de André não é o pai, mas sim a tradição. Ao tentar tomar a palavra, André não subverte apenas a ordem familiar, mas também a lei que o pai representa, uma vez que ele “era o guia, era a tábua solene, era a lei” (*ibidem*, p.191) - a lei da tradição da família.

Por conta da hierarquia familiar, quanto mais distante do topo mais reprimido e silenciado se está. Na família de André, essa hierarquia estava demarcada na disposição dos lugares à mesa de jantar.

Eram esses os nossos lugares à mesa na hora das refeições, ou na hora dos sermões: o pai à cabeceira; à sua direita, por ordem de idade, vinha primeiro Pedro, seguido de Rosa, Zuleika, e Huda; à sua esquerda, vinha a mãe, em seguida eu, Ana, e Lula, o caçula. O galho da direita era um desenvolvimento espontâneo do tronco, desde as raízes; já o da esquerda trazia o estigma de uma cicatriz, como se a mãe, que era por onde começava o segundo galho, fosse uma anomalia, uma protuberância mórbida, um enxerto junto ao tronco talvez funesto, pela carga de afeto; podia-se quem sabe dizer que a distribuição dos lugares na mesa (eram caprichos do tempo) definia as duas linhas da família. (*ibidem* p.154)

Ao narrar sobre os lugares na mesa, André também induz o leitor a perceber uma ordem de poder constituído, onde os membros da direita são herdeiros da palavra em detrimento daqueles à esquerda. André subverte o poder porque a ele não competia o direito da palavra. Lançando-se contra os discursos do pai, o protagonista propõe superar o poder do patriarca.

(...) eu tinha de gritar em furor que a minha loucura era mais sábia que a sabedoria do pai, que a minha enfermidade me era mais conforme que a saúde da família, que os meus remédios não foram jamais inscritos nos compêndios, mas que existia uma outra medicina (a minha!) (*ibidem*, p.109)

A necessidade do narrador em transgredir a soberania do pai é justificada por seu desejo em ocupar um lugar à mesa: “(...) estou cansado, quero com urgência o meu lugar na mesa da família!” (*ibidem*, p. 131). A subversão ao poder pretendida por André está baseada no desejo dele de ser reconhecido pelo pai como merecedor e herdeiro genuíno do poder na família. É através da palavra que o narrador deseja subverter a autoridade do pai e firmar-se como titular do poder.

O PODER DA SEXUALIDADE

Ao expressar sua sexualidade e desejos, André subverte o poder do pai com vistas a tomá-lo para si. Essa sexualidade, por sua vez, potencializa tal poder, uma vez que é suscetível ao exagero das pulsões. Todavia, sob o discurso do pai, o excesso deve ser evitado em todas as circunstâncias que se apresente e, para isso, é “preciso refrear os maus impulsos, moderar prudentemente os bons, não perder de vista o equilíbrio, cultivando o autodomínio, precavendo-se contra o egoísmo e as paixões perigosas que o acompanham.” (*ibidem*, p. 21-22). Perceba que, embora o pai busque controlar os desejos da família, ele não ignora sua existência. Ao contrário, os desejos são abordados em seus discursos e postos em evidência para, ao invés de negar e afastar para longe de seus domínios, colocá-los em lugar visível onde se pudesse implantar a obrigação de tratá-los e refreá-los. Em suma, “a atividade sexual exige uma discriminação moral” (FOUCAULT, 2017b, p. 61), uma vez que a tendência excessiva pode levar à inversão da prioridade e colocar o sexo acima das demais necessidades. É necessário “impor-lhes os três mais fortes freios - o temor, a lei e o discurso verdadeiro.” (*ibidem*, p.61-62). O pai, como responsável pelo controle, faz essas imposições em meio às refeições, durante os sermões na mesa de jantar, colocando as leis e os cuidados que todos devem tomar sobre seus impulsos e, assim, mantê-los submissos: “(...) era também na mesa, mais que em qualquer outro lugar, onde fazíamos de olhos baixos o nosso aprendizado da justiça.” (NASSAR, 1989, p.76). Às vistas do poder, é fundamental oprimir para que não haja subversão, mas as consequências fogem do seu domínio.

A subversão não é uma oposição à opressão, pois é alimentada por ela. O desejo tende a crescer à medida que lhe é estabelecida uma limitação, como é feito pelo pai em *Lavoura Arcaica*.

Os controles familiares [...] funcionam como mecanismos de dupla incitação: prazer e poder. Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; e, por outro lado, prazer que se abrasa por ter de escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travesti-lo. (FOUCAULT, 2017a, p. 50)

A subversão se dissemina por meio do poder opressor, propagando seus desejos e afirmando-os. A sexualidade toma a seu cargo o poder e apresenta-se como um dever a ser cumprido pelo sujeito que é oprimido. Acerca do sexo, “o poder jamais estabelece relação que não seja de modo negativo: rejeição, exclusão, recusa, barragem ou, ainda, ocultação e mascaramento” (*ibidem*, p.91), fazendo com que a subversão a esse poder seja nutrida de forma ainda mais consistente e excessiva, intensificando o desejo do proibido. O desejo sub-

versivo não é anulado pelo poder, nem estão em lados opostos; eles se confundem em suas instâncias, movem-se simultaneamente em um jogo de mecanismos complexos.

A desordem implodida na família, suscitada pelo desejo e sexualidade subversivos, vai construindo uma tensão que precisa escapar dos limites impostos. Após André tentar subverter a lei do pai relacionando-se intimamente com a irmã, essa tensão chega ao seu máximo e precisa ser restaurada à ordem. “Se se admitir que o limiar de toda cultura é o incesto interdito, então a sexualidade, desde tempos imemoriais, está sob o signo da lei e do direito.” (FOUCAULT, 2017a, p.120). A proibição ao incesto não se limita apenas ao indivíduo, ela atinge a toda sociedade que é afetada pela prática desautorizada. Assim, através da provável morte de Ana pelas mãos do pai, Iohána busca retomar a lei que fora transgredida pelos seus subordinados.

Entre soberano e súditos, já não se admite que seja exercido em termos absolutos e de modo incondicional, mas apenas nos casos em que o soberano se encontre exposto em sua própria existência: uma espécie de direito de réplica. [...] Mas, se foi um deles [súditos] que se levantou contra ele [soberano] e infringiu suas leis, então, pode exercer um direito sobre sua vida: matá-lo a título de castigo. Encarado nestes termos, o direito de vida e a morte já não é privilégio absoluto: é condicionado à defesa do soberano e à sua soberania. (FOUCAULT, 2017a, p.145)

O pai, se concebido como o poder soberano, tem o direito sobre a vida e a morte de seus filhos, uma vez que estão sob sua guarda. “São mortos legitimamente aqueles que constituem uma espécie de perigo biológico para os outros.” (*ibidem*, p.148). O incesto com Ana representa a transgressão e a consumação do desejo subversivo dentro da esfera familiar, configurando-se uma ameaça ao poder da família que precisava ser exterminado: “o alfanje estava ao alcance de sua mão, e, fendendo o grupo com a rajada de sua ira, meu pai atingiu com um só golpe a dançarina oriental.” (NASSAR, 1989, p.190). Para restaurar a lei, deve-se aniquilar o que lhe impede. Com efeito, a arma da lei é a morte. Todavia, ao matar a filha, Iohána “torna-se o responsável por terminar de destruir a tradição que ele tanto queria preservar.” (LOTITO, 2007, p.26). Novamente, a sexualidade é agente decisivo na história de *Lavoura Arcaica*, seu poder dissemina o caos e duela com a cultura. “A sexualidade provoca inúmeras desavenças, ciúmes, rancores e lutas; é uma ocasião permanente de desordem, mesmo nas mais harmoniosas comunidades.” (GIRARD, 1990, p. 50). Dessa forma, um dos poderes da sexualidade é de causar dano mesmo onde isto não lhe é comum, como uma forma de castigo por a admitir. Mas, por que Ana é a vítima dessa expiação?

Como a família de *Lavoura Arcaica* está baseada em um modelo de sociedade patriarcal machista, a qual constitui “um sistema de representações-dominância que utiliza o argumento do sexo, mistificando assim as relações entre os homens e as mulheres, reduzindo-os a sexos hierarquizados” (DRUMONT, 1980, p.82), Ana é considerada o objeto dominado que pertence à figura masculina, representada por Iohána e, uma vez submissa ao poder e ao que ele representa, o incesto simboliza a contestação de André à cultura e ao poder de que faz parte. Nesse contexto, por ser mulher, Ana é mais culpada do que André na relação incestuosa.

No raciocínio que considera o sangue menstrual como a materialização de todas as violências sexuais, não há definitivamente nada de incompreensível; podemos perguntar, além disto, se o processo de simbolização não responde a uma obscura “vontade” de lançar toda a violência exclusivamente sobre a mulher. Através do sangue menstrual, efetua-se uma transferência da violência, estabelecendo-se um monopólio de fato em detrimento do sexo feminino. (GIRARD, 1990, p. 51)

Estando, portanto, a sexualidade e a violência em tensão constante, Ana é transformada no bode expiatório que dissipará o caos na relação de poder. A figura carregando objetos que remetem aos prazeres mundanos, atinge os preceitos seculares que tornam a mulher como primeira culpada do pecado original.

[...] Ana (que todos julgavam sempre na capela) surgiu impaciente numa só lufada, os cabelos soltos espalhando lavas, ligeiramente apanhados num dos lados por um coalho de sangue (que assimetria mais provocadora!), toda ela ostentando um deboche exuberante, uma borra gordurosa no lugar da boca, uma pinta de carvão acima do queixo, a gargantilha de veludo roxo apertando-lhe o pescoço, um pano murcho caindo feito flor da fresta escancarada dos seios, pulseiras nos braços, anéis nos dedos, outros aros nos tornozelos, foi assim que Ana, coberta com as quinquilharias mundanas da minha caixa, tomou de assalto a minha festa, varando com a peste no corpo o círculo que dançava [...] (NASSAR, 1989, p. 188)

O autoritarismo e poder patriarcal, mais uma vez, é abalado pela sexualidade exposta e a punição acontece. Ao golpear Ana, o pai está tentando atingir a subversão que acompanha aquele momento da dança. O poder da sexualidade entra em combate com o poder da tradição, cujo titular acaba por si mesmo lançando-se contra.

(...) não teria a mesma gravidade se uma ovelha se inflamasse, ou se outro membro qualquer do rebanho caísse exasperado, mas era o próprio patriarca, ferido nos seus preceitos, que fora possuído de cólera divina (pobre pai!), era o guia, era a tábua solene, era a lei que se incendiava — essa matéria fibrosa, palpável, tão concreta, não era descarnada como eu pensava, tinha substância, corria nela um vinho tinto, era sanguínea, resinosa, reinava drasticamente as nossas dores. (NASSAR, 1989, p.191)

O pai, ao castigar Ana, acaba de demolir as ruínas sobre as quais sua palavra estava firmada. A tradição e a lei são provocadas pela sexualidade, cujo poder age com tamanha força que destrói aquele que está em seu caminho, resultando também na morte do pai. O poder da sexualidade irrompe um novo ciclo, coordenando a tradição, a palavra e o desejo envoltos em seus domínios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa leitura de *Lavoura Arcaica* buscou perceber as manifestações de subversão ao poder dentro de um contexto familiar patriarcal rígido, observando-as, sob a óptica das relações de poder e sexualidade proposta por Michel Foucault, como uma perturbação que ultrapassa os limites impostos pela autoridade e promove fissuras na ordem.

Partindo desse pressuposto, este texto trouxe à luz a subversão ao poder presente no discurso autoritário e na sexualidade reprimida das personagens. Foi possível revelar o poder que há na palavra, o qual se estabelece de forma ambígua, autorizando ao mesmo tempo que desautoriza seu titular; tornando, assim, o próprio discurso como uma possibilidade de subversão ao que outrora foi uma ordem.

Além disso, observou-se a relação que há entre sexualidade e subversão dentro de um contexto rígido e opressor, pontuado pelo desejo interdito que transgrede as leis impostas. Salienta-se, ainda, que a sexualidade feminina é demonstrada, no romance, como uma força que atinge a fissura do autoritarismo em uma sociedade patriarcal.

Considerando, portanto, a proposta de traçar um diálogo entre *Lavoura Arcaica* e os estudos de Michel Foucault, foi possível observar os mecanismos de sexualidade e poder inseridos no romance e apontar as manifestações de subversão dentro do contexto estudado. Partindo dessas considerações, vê-se que o autoritarismo evidente no romance de Nassar é passível de inúmeras discussões e investigações futuras, bem como a teoria de Foucault em relação aos mecanismos de poder e sexualidade. O poder que gera o autoritarismo atrai as subversões que se apresentam por meio da palavra e da sexualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BÍBLIA. *Bíblia de estudo de Genebra*. Tradução: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã / Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

DRUMONT, Mary Pimentel. *Elementos para uma análise do machismo*. Perspectivas, São Paulo, 3: 81-85, 1980.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Org. Roberto Machado. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade 1: a vontade do saber*. Trad. Maria Teresa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017a.

FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Trad. Maria Teresa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017b.

GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. Trad. Martha Conceição Gambini. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1990.

LOTITO, Denise Padilha. *Expressividade e Sentido: um estudo estilístico das metáforas de Lavoura Arcaica*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2007.

NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

